

VARIAÇÕES FONÉTICO-FONOLÓGICAS NA FALA TEFENSE

Roseanny Melo de Brito¹

Leanilce Feitosa dos Santos²

RESUMO: Este Artigo objetivou registrar e analisar as variações fonético-fonológicas presentes no modo de falar do município de Tefé (AM). O respaldo teórico, da presente pesquisa, fundamenta-se nos estudos da Sociolinguística, da Dialectologia, da Fonética e da Fonologia. Este estudo foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo. Os dados linguísticos foram coletados em Tefé (AM) e contou com a participação de 4 informantes, sendo 2 informantes (um homem e uma mulher), entre 18 e 35 anos (Faixa Etária 1) e 2 informantes (um homem e uma mulher), de 36 anos em diante (Faixa Etária 2). A presente pesquisa contribui significativamente com o conhecimento das variedades fonético-fonológicas da microrregião em estudo e de algumas das variedades presentes no Estado do Amazonas. Sabe-se que a língua sofre mudanças a todo o momento, por isso registrar agora aspectos linguísticos que caracterizam a fala tefeense pode contribuir para, no futuro, ter-se um registro sobre como se falava no passado.

Palavras-chave: Variações fonético-fonológicas. Sociolinguística. Dialectologia.

PHONETIC-PHONOLOGICAL VARIATIONS IN TEFENSE SPEECH

ABSTRACT: This article aimed to record and analyze the phonetic-phonological variations present in the way of speaking in the municipality of Tefé (AM). The theoretical support of this research is based on studies of Sociolinguistics, Dialectology, Phonetics and Phonology. This study was carried out through a bibliographical research and a field research. The linguistic data were collected in Tefé (AM) and had the participation of 4 informants, 2 informants (a man and a woman), between 18 and 35 years old (Age Group 1) and 2 informants (a man and a woman), from 36 years old onwards (Age Group 2). The present research contributes significantly to the knowledge of the phonetic-phonological varieties of the micro-region under study and of some of the varieties present in the State of Amazonas. It is known that the language undergoes changes all the time, so registering now the linguistic aspects that characterize Tefeian speech can contribute to, in the future, having a record of how people spoke in the past.

Keywords: Phonetic-phonological variations. Sociolinguistics. Dialectology.

¹ Doutora em Antropologia Social (UFAM). Professora de Língua Portuguesa do Centro de Estudos Superiores de Tefé da Universidade do Estado do Amazonas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1533-3655>. E-mail: roseannybrito@hotmail.com.

² Graduada em Letras Língua Portuguesa pelo Centro de Estudos Superiores de Tefé da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: leanilcefds@gmail.com.

Introdução

Pretendeu-se, com esta pesquisa, registrar e analisar as variações fonético-fonológicas presentes no modo de falar do município de Tefé (AM). Pretendeu-se, também, (1) registrar as variantes correspondentes ao gênero e a faixa etária, (2) verificar o comportamento linguístico entre os gêneros masculino/feminino e a faixa etária e (3) contribuir com os estudos sociolinguísticos desenvolvidos no Amazonas e para o conhecimento do Português do Brasil.

Um estudo sociolinguístico como o que se fez nesta pesquisa é de suma importância, haja vista que busca a obtenção de conhecimentos do modo de falar do município de Tefé. Registrar os falares dos interiores do Amazonas e verificar quais fatores sociais influenciam nesses falares certamente contribuem para um maior reconhecimento das variações linguísticas brasileiras. Sabe-se que a língua sofre mudanças a todo o momento, por isso registrar agora aspectos linguísticos que caracterizam a fala tefeense pode contribuir para, no futuro, ter-se um registro sobre como se falava no passado.

Além disso, pesquisas deste cunho permitem um aprofundamento teórico e metodológico no que se refere à pesquisa Sociolinguística Variacionista, a qual tem se revelado de grande importância para os estudos do fenômeno da variação linguística, visto que permite que se tenha um detalhamento do modo de falar de uma determinada comunidade linguística e se consiga ver claramente a relação entre as variações linguísticas e os fatores sociais.

Nesta pesquisa, foi feita uma pesquisa bibliográfica, a fim de fazer um levantamento de dados históricos, econômicos, geográficos e culturais sobre o ponto de inquérito em estudo, além de se fazer um aprofundamento teórico-metodológico referente à Fonética, Fonologia, Sociolinguística e Dialetoлогия.

Também foi realizada uma pesquisa de campo na sede do município de Tefé, com a finalidade de coletar os dados fonético-fonológicos. Nessa fase do estudo, foi aplicado um Questionário Fonético-Fonológico (QFF) com 32 questões, as quais foram retiradas do QFF de Brito (2011), quando da elaboração do *Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM*.

A escolha dos informantes obedeceu aos seguintes critérios dialetológicos: 1- Ser natural da localidade e ter, preferencialmente, pais e cônjuge da região linguística em estudo; 2- Não se ter afastado da localidade por mais de 1/3 de sua vida; 3- Apresentar boas condições de fonação. No ponto de inquérito, foram entrevistados 4 informantes, sendo 2 informantes (um homem e uma mulher), entre 18 e 35 anos (Faixa Etária 1) e 2 informantes (um homem e uma mulher), de 36 anos em diante (Faixa Etária 2).

Os dados coletados em pesquisa de campo, foram, primeiramente, gravados por meio de um aplicativo de áudio de celular, depois, esses dados foram transcritos foneticamente. Para a análise dos dados, seguindo as orientações metodológicas da Sociolinguística Quantitativa de Labov (2008), os dados foram quantificados, a fim de verificar a frequência de uso de determinado fenômeno linguístico e as variáveis sociais que possam ter influenciado no uso de determinado segmento fônico.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. O município de Tefé-AM

A cidade de Tefé consiste em uma área territorial equivalente a 23.692,223 km², distanciando-se a 516 quilômetros de Manaus, em linha reta, e 663 quilômetro, por via fluvial. O município situa-se no médio Rio Solimões. Sua população, segundo o último censo realizado em 2022, é de 73.669 habitantes (IBGE, 2023). O contexto histórico de Tefé é recheado de conflitos, principalmente na questão de quem fundou realmente a cidade, visto que, num primeiro momento, esse ato foi praticado pela Espanha, apesar de o Amazonas ser considerado oficialmente terra de Portugal desde 1777, com o Tratado de Santo Idelfonso (PONTES FILHO, 2000).

Segundo Cabrolié (1989), Tefé foi fundada, primeiramente, em 1686, pelo famoso austríaco Padre Samuel Fritz, que trabalhava na região a serviço da Espanha. A fim de recuperar seu território, a Coroa Portuguesa realizou várias investidas militares, sendo que numa delas foi vitoriosa, entretanto, o Pe. João Batista Sana, que estava a serviço do Padre Fritz, incendiou Tefé e todas as outras missões religiosas fundadas pelos espanhóis. Houve, então, uma nova fundação, mas sob a ordem de Portugal, em 1718, momento no qual o carmelita Frei André da Costa, reuniu os destroços das aldeias e os indígenas que sobraram e os levou para onde é hoje a cidade de Tefé.

De acordo com Martins (2010), a economia do município é centrada na agricultura (o município é um grande produtor de farinha) e na pesca, mas é movimentada, também, por alguns detentores de recursos econômicos. O nível de desemprego é bastante alto, especialmente entre os jovens. Uma atividade profissional que busca contornar essa situação é a de mototáxi, a qual é exercida por jovens desempregados, principalmente os homens. Só de motoqueiros registrados em sindicatos, são mais de mil.

Quanto à infraestrutura básica, Tefé apresenta todos os serviços essenciais: serviços de fornecimento de saneamento básico, energia elétrica, correio, banco, telefonia fixa e móvel, internet hospital, escolas de nível fundamental e médio, delegacia, transporte fluvial, comércio varejista (inclusive lojas de renome regional e nacional, como TV Lar, Apa Móveis, Cacau show, Boticário, Piticas, Yamaha, dentre outras), hotéis, restaurantes, clubes, etc. Também há nas cidades instituições públicas e privadas comuns à capital do Amazonas, como Banco do Brasil, Santander, Bradesco, Caixa, INSS, Receita Federal, Detram-Am, do Intrans, alguns tribunais, dentre outros. Há, ainda, serviços de segurança em nível nacional, como Polícia Federal, Exército, Marinha e Aeronáutica. O acesso à cidade ocorre por via fluvial e aérea. Há serviços de barco e lancha expresso todos os dias. Para a locomoção aérea, conta-se com um aeroporto e com a Companhia Aérea Azul, a qual faz 4 voos semanais regulares. No que se refere à educação, no município, há, além de escolas (públicas e particulares), o Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST/UEA), a Universidade Paulista (UNIP), o Centro Universitário FAMETRO e algumas outras universidades no formato EAD (PESQUISA DE CAMPO, 2023).

Cabrolié (1898) afirma que, em Tefé, o ponto turístico é natural, visto que a cidade é banhada pelo lago Tefé e por lindas praias, as quais servem como áreas de lazer para os moradores locais. No que se refere aos eventos culturais, ocorrem vários eventos folclóricos, que, através de um Festival, apresenta lendas, danças, mitos, dentre outros. Atualmente, esses eventos vêm sofrendo transformações, conta-se agora com a Festa da Castanha, na qual se apresentam atrações tanto locais como nacionais. Nesse evento, acontece também o desfile Rainha da Castanha. Um outro evento, próximo à data do aniversário da cidade, é o “Miss Tefé”. Esses desfiles têm por propósito a escolha de uma mulher que represente a beleza tefeense. É realizada, ainda, em Tefé, a festa da padroeira de Santa Teresa, festejada no dia 15 de outubro. Em comemoração a essa festa, ocorre o arraial de Santa Teresa na praça da Igreja Matriz da cidade, momento no qual há vendas de comidas típicas, apresentações culturais, feiras de vendas de roupas, brinquedo etc.

1.2. Sociolinguística

A sociolinguística é a ciência da área da linguística que estuda a linguagem e seus funcionamentos no contexto social. Logo, ao falar de linguagem, é indispensável que se fale das mudanças que ocorrem na língua e em sua funcionalidade. Como afirma Mollica e Braga

(2013, p. 9), “A sociolinguística é uma subárea da linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”.

Nesse viés, fica claro que a sociolinguística é o ramo da linguística que estuda a relação entre a língua e a sociedade, visando, portanto, verificar quais fatores sociais influenciam no modo de falar. Mussalim e Bentes (2012, p 23) afirmam que não há como questionar a relação entre a linguagem e a sociedade, sendo essa relação “[...] a base da constituição do ser humano. A história da humanidade é a história de seres organizados em sociedades e detentores de um sistema de comunicação oral”.

Prete (2000, p. 1) também discorre que, “entre sociedade e língua, de fato não há uma relação de mera causalidade”, ou seja, é certo que desde que nascemos essas variedades de signos nos rodeiam e aos poucos nos adaptamos e aprendemos a usá-los nas diversas formas de comunicação. Esse autor afirma ainda que:

Nas grandes civilizações a língua é o suporte de uma dinâmica social que compreende não só as relações diárias entre os membros da comunidade como também uma atividade intelectual que vai desde o fluxo informativo dos meios de comunicação de massa até a vida cultural, científica ou literária (PRETE, 2000, p. 12).

Como se pode depreender do dizer do autor, há um elo forte entre a língua e o meio social, o qual é necessário para que ocorra o desenvolvimento intelectual, informativo, cultural, científica ou literária dentro da comunidade de fala.

Um conceito teórico importante na sociolinguística é a comunidade de fala, que, para Labov (2008, p. 188), refere-se a um grupo de falantes “[...] que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. Uma comunidade de fala não é homogênea, pois nela a língua apresenta variação, uma vez que a língua sofre mudança a todo o momento, principalmente em decorrência de fatores sociais, como o tempo histórico, o ambiente geográfico e o grupo social.

Segundo Mussalim e Bentes (2012), podemos comparar a comunidade de fala com qualquer cidade, sociedade ou grupos, mas o fato é que, ao estudarmos qualquer comunidade de fala, “[...] a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou da variação. Isto é, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. A essas diferentes maneiras de falar, a sociolinguística reserva o nome de variedades linguísticas”.

De acordo com Ferreira e Cardoso (1994 *apud* BRITO, 2011), as variações linguísticas podem ser do tipo diatópico, que são as diferenças da língua influenciadas pelos espaços

geográficos, do tipo diastrático, que são as diferenças em decorrência dos estratos socioculturais (linguagem culta, da classe média, linguagem popular etc.) e do tipo diafásico, diferenças relacionadas ao estilo de fala (linguagem formal, familiar, literária etc.).

1.3. Fonética e Fonologia

A fonética é uma área específica da linguística que estuda os sons produzidos pela fala humana. Assim nos afirma Silva (2003, p. 23): “A fonética é a ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala humana, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana”. Neste sentido, cada particularidade efetuada através do som da fala humana torna-se objeto de estudo para essa ciência.

A fonética se divide em 4 principais áreas de estudo, segundo Silva (2003, p. 23). São elas: a fonética articulatória, cujo principal interesse é compreender a produção da fala, “levando em conta o ponto de vista fisiológico e articulatório”, a fonética auditiva, que se detém em estudar a percepção da fala, a fonética acústica, que “compreende o estudo das propriedades físicas dos sons da fala a partir de sua transmissão do falante ao ouvinte”, e a fonética instrumental, que “compreende o estudo das propriedades físicas da fala, levando em consideração o apoio de instrumentos laboratoriais”. Para a presente pesquisa, apoia-se no arcabouço teórico da fonética articulatória.

Não podemos, entretanto, falar de fonética sem citar a fonologia, pois as duas andam lado a lado, juntas elas permitem que tenhamos uma maior compreensão do sistema da língua e das variações linguísticas. A fonologia é a ciência dos aspectos comunicativos da fala. Estuda os sons do ponto de vista de sua função no sistema de comunicação linguística. Enquanto a fonética mostra a descrição, classificação e a transcrição de sons da fala humana. Como afirma Callou (2009, p. 11): “A fonética estuda os sons como entidades físico-articulatórias isoladas, a fonologia irá estudar os sons do ponto de vista funcional como elementos que integram um sistema linguístico determinado”. Ou seja, numa pesquisa em que se pretende registra os aspectos fonético-fonológica de uma língua, faz-se, num primeiro momento, a transcrição fonética da fala de uma determinada comunidade linguística, depois, faz-se a interpretação desses dados, de modo a constatar se o segmento fônico registrado representa um caso de

variação linguística ou representa uma unidade distintiva da língua. Constando um caso de variação, considera-se esse dado para a presente pesquisa.

1.4. Dialetoologia

A dialetoologia tem como foco estudar as diversidades de dialetos de um determinado espaço geográfico, relacionando os aspectos linguísticos aos aspectos culturais e sociais. Quara (p. 20, 2012) afirma que: “A Dialetoologia é o ramo da ciência que estuda a linguagem voltado ao estudo dos diferentes falares, de acordo com a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Nesse viés, fica claro que a Dialetoologia se preocupa em estudar a linguagem levando em conta as variações regionais nos falares das pessoas, ou seja, preocupa-se em registrar essas diversidades e diferentes dialetos.

Deve-se ter um maior interesse em saber mais sobre o modo de falar do Amazonas, visto que, segundo Quara (2012, p. 20), “[...] ainda há muito a se desbravar no campo da Dialetoologia no estado [do Amazonas], pois é muito recente o interesse em se conhecer a respeito dos falares amazonenses. Registrar o modo de falar de uma região é importante para conhecermos as variações linguísticas típicas dos lugares”. Ainda mais porque a língua muda a todo momento: “[...] a língua é viva, dinâmica, está em constante movimento - toda língua em decomposição, em recomposição, em permanente transformação” (BAGNO, 1999, p. 144).

Nessa perspectiva, segundo os estudos de Cardoso (2016, p. 1):

A Dialetoologia apresenta-se, no curso da história, como uma disciplina que assume por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Dois aspectos fundamentais estão, pois, na sua gênese: o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas ou entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades pré-fixados. Estudando a língua, instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre membros de uma coletividade ou entre povos, a Dialetoologia não pôde deixar passar ao largo a consideração de fatores extralinguísticos, inerentes aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações nos atos de fala. Dessa forma, idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal.

Logo, seguindo o raciocínio de Cardoso, constata-se que a língua se diversifica devido a suas demandas, seja espacial, sociocultural ou cronológica, ou seja, dependendo de qual distribuição essa língua demanda, é que podemos reconhecer suas variedades linguísticas e, a partir daí, é possível identificar os fatores extralinguísticos que ocorrem na fala. Tais fatores podem ser a idade, o gênero, a escolaridade, dentre outros.

Brandão (2023, p. 15) também discorre que:

No Brasil, a diversidade de dialetos é enorme, por ser um território bastante extenso e de dimensões continentais, acarreta nessa diversificação dos falares. Porém, além disso, muitos outros fatores acarretam para essas variações, como a vinda de imigrantes de outros países, como também o contato com os povos originários e de outras regiões.

Sendo assim, o autor destaca alguns outros fatores que influenciam nessa diversificação das falas das pessoas, como a relação de contato estabelecida com pessoas vinda de outros países ou de outras regiões. Isso faz com que aconteça as influências na forma de comunicação, ou seja, quando esses migrantes chegam em um determinado lugar, os mesmos trazem consigo uma bagagem de variações correntes em sua região, chegando nesse local, acabam influenciando na fala dessas pessoas e sua própria fala também está sujeita a sofrer algum tipo de variação. Logo, é importante ressaltar que as variações ocorrem constantemente, devido à dinamicidade da língua.

Atualmente, tem ocorrido uma intensificação nos estudos dialetais no Brasil, como o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (1963), o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG (1977), o Atlas Linguísticos da Paraíba – ALPb (1984), o Atlas Linguístico de Sergipe – ALS (1987/2004), o Atlas Linguístico e Sonoro do Pará - ALISPA (2004), o Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM (2004), dentre outros. No Amazonas, também tem ocorrido estudos dialetológicos, como: Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves (SILVA, 2009), A realização das variantes /ɺ/ e /ɲ/ nos municípios de Itapiranga e Silves (parte do Médio Amazonas) (TORRES, 2009), Atlas do Falares do Baixo Amazonas – AFBAM (BRITO, 2011), Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARiN (JUSTINIANO, 2012), As vogais médias pretônicas no falar de Manaus (AM) (QUARA, 2012) e Aspectos Fonéticos e Fonológico da fala de Parintins: a realização da palatização do /S/ pós-vocálico (BRANDRÃO, 2023).

2. Resultado da Pesquisa

2.1 O Sistema de transcrição fonética

É apresentado a seguir o sistema de transcrição fonética utilizado na presente pesquisa.

Vogais

- [a] Central – baixa – aberta – oral – tônica
- [ɐ] Central – baixa – aberta – oral – átona
- [e] Anterior – média – fechada – oral
- [ɛ] Anterior – média – aberta – oral
- [i] Anterior – alta – fechada – oral – tônica
- [ɪ] Anterior – alta – fechada – oral – átona
- [o] Posterior – média – fechada – oral
- [ɔ] Posterior – média – aberta – oral
- [u] Posterior – alta – fechada – oral – tônica
- [ʊ] Posterior – alta – fechada – oral – átona
- [ã] Central – baixa – aberta – nasal
- [ẽ] Anterior – média – fechada – nasal
- [ĩ] Anterior – média – fechada – nasal
- [õ] Posterior – média – fechada – nasal

Semivogais

- [y] semivogal – anterior – oral
- [w] semivogal – posterior – oral

Consoantes

- [p] Oclusiva – bilabial – surda – oral
- [b] Oclusiva – bilabial – sonora – oral
- [t] Oclusiva – alveolar – surda – oral
- [d] Oclusiva – alveolar – sonora – oral
- [k] Oclusiva – velar – surda – oral
- [g] Oclusiva – velar – sonora – oral

- [f] Fricativa – labiodental – surda – oral
- [v] Fricativa – labiodental – sonora – oral
- [s] Fricativa – alveolar – surda – oral
- [z] Fricativa – alveolar – sonora – oral
- [ʃ] Fricativa – alveopalatal – surda – oral
- [ʒ] Fricativa – alveopalatal – sonora – oral
- [h] Fricativa – glotal – surda – oral
- [tʃ] Africada – alveopalatal – surda – oral
- [dʒ] Africada – alveopalatal – sonora – oral
- [m] Nasal – bilabial – sonora – nasal
- [n] Nasal – alveolar – sonora – nasal
- [ñ] Nasal – palatal – sonora – nasal
- [l] Lateral – alveolar – sonora – oral
- [ʎ] Lateral – palatal – sonora – oral
- [r] Tepe – alveolar – sonora – oral

Diacríticos

- ‘ antecede a sílaba tônica
- ~ (sobrescrito) indica nasalização

2.1 Análise dos dados

Buscou-se, nesta pesquisa, registrar as seguintes variações fonético-fonológicas de Tefé: as vogais mediais pretônicas /o/ e /e/, o alteamento da vogal tônica /o/, a realização dos ditongos, do /S/ e do dígrafo “nh”.

A partir dos dados coletados, constatou-se que todos os informantes, no que se refere ao /S/, em posição final de sílaba ou final de vocábulo, fazem uso da fricativa alveopalatal surda [ʃ], como nas palavras [peʃ.ˈko.su] “pescoço” e [ˈpaʃ] “paz”. Constatou-se, ainda, que todos os informantes realizam a vogal /o/ em contexto tônico apenas como vogal medial fechada [o], não ocorrendo nenhum caso de alteamento, conforme as palavras seguintes: [ˈbo.tu] “boto”,

[¹pro.ɐ] “proa”. Essa situação contraria Vasconcellos (1975), que, quando fez pesquisa na região amazônica, constatou que o alteamento do segmento vocálico /o/ em contexto tônico é característico do norte do Brasil. É o caso da palavra exemplificada por ele “canoa”, a qual registrou como sendo pronunciada [kə¹nuə].

A vogal pretônica /e/ manifestou-se de 03 (três) maneiras diferentes no falar dos informantes pesquisados: e, ε, i, como pode ser constatado na tabela a seguir:

VARIANTES	VARIÁVEL				EXEMPLOS
	F1		F2		
	H	M	H	M	
e	5	5	3	4	[peh. ¹ fu.mi] “perfume”
ε			2	1	[hε. ¹ aw] “real”
i	1	1	1	1	[dʒi.zo. ¹ va] “desovar”
TOTAL	24 palavras				

Tabela 1 – Ocorrência da vogal pretônica /e/ com relação às variáveis gênero e faixa etária.
FONTE: Pesquisa de Campo, 2023.

Dentre tais variantes, a vogal média fechada [e] ocorreu com mais frequência (17 ocorrências), seguida da vogal anterior alta fechada [i] após as dentais [t] e [d] (04 ocorrências) e da vogal anterior média aberta [ε] (03 ocorrências). No que se refere à variável faixa etária, percebe-se que a variante [e] é mais utilizada pela F1 (faixa etária 1) e, no que se refere à variável gênero, ela também é a mais utilizada por homens e mulheres. No caso do gênero, não há uma diferença de uso significativa entre homens e mulheres no que se refere ao [e].

A ocorrência da variante [i], exemplificado na palavra [dʒi.zo.¹va] “desovar”, deve-se ao fato de os tefeenses, como muitos amazonenses, realizarem as dentais /t/ e /d/ como as africadas [tʃ] e [dʒ] diante de [i]. Percebe-se ainda em [dʒi.zo.¹va] “desovar” o apagamento do “r” no final da palavra, algo característico em diversos falares do português do Brasil. Se esse “r” fosse pronunciado, a transcrição seria [dʒi.zo.¹vah].

A vogal pretônica /o/ manifestou-se de 04 (quatro) maneiras diferentes: o, ɔ, õ, u, como pode ser constatado na tabela abaixo:

VARIANTES	VARIÁVEL				EXEMPLOS
	F1		F2		
	H	M	H	M	
o	3	4	4	5	[ʃo.ˈrãw] “chorão”
ɔ				1	[ɔ.brɪ.ˈga.du] “obrigado”
õ	2	2	2		[kõ.ˈmeh] “comer”
u	1				[tru.ˈvãw] “trovão”
TOTAL	24 palavras				

Tabela 2 – Ocorrência da vogal pretônica /o/ com relação às variáveis gênero e faixa etária.
FONTE: Pesquisa de Campo, 2023.

A variante [o], conforme tabela 2, foi a mais utilizada (16 ocorrências), seguidas pelas variantes [õ] (06 ocorrências) e pelas variantes [u] e [ɔ], ambas com apenas 01 ocorrência. A variante [o] é a mais utilizada por F2 (faixa etária 2) e pelas mulheres (09 ocorrências).

No português brasileiro, têm-se duas manifestações possíveis para o dígrafo nh, ou ele se realiza como uma nasal palatal vozeada [ɲ], ou como uma glide palatal vozeada [ɲ̃]. Em Tefé, verificou-se que o dígrafo “nh” se realiza dessas duas maneiras, conforme tabela a seguir.

VARIANTES	VARIÁVEL				EXEMPLOS
	F1		F2		
	H	M	H	M	
ɲ	6				[pey.ˈʃi.ɲu] “peixinho”
ɲ̃		6	6	6	[pey.ˈʃi.ɲ̃u] “peixinho”
TOTAL	24 palavras				

Tabela 3 – Ocorrência do dígrafo “nh” com relação às variáveis gênero e faixa etária.
FONTE: Pesquisa de Campo, 2023.

Entretanto, de acordo com os dados da tabela 3, há uma predominância do uso da glide palatal vozeada [ɲ̃], a qual apresenta 18 ocorrências. Essa variante está presente na fala da

mulher da F1 e dos 2 informantes da F2, apenas o homem da faixa etária 1 utiliza nasal palatal sonora [ɲ]. Assim, [ỹ] predomina na F2 e entre as mulheres. Chama atenção aqui o uso da glide palatal sonora [ỹ], pois ela marca fortemente o modo de falar manauara (de Manaus, capital do Amazonas).

Alguns ditongos decrescentes, no português brasileiro, podem ser reduzidos, ou seja, as glides ou semivogais [y] e [w] não se manifestam foneticamente. Exemplos são: “feira” [‘ferɐ] e “couro” [‘coru]. Quando da ausência de pronúncia da semivogal, ocorre o fenômeno chamado monotongação. Na tabela a seguir, é possível verificar o fenômeno da ditongação e monotongação, conforme as variáveis gênero e faixa etária:

VARIANTES	VARIÁVEL				EXEMPLOS
	F1		F2		
	H	M	H	M	
DITONGO	1	6	6	6	[‘how.pɐ] “roupa” [‘ley.tʃi] “leite”
MONOTONGO	5				[‘ho.pɐ] “roupa” [‘le.tʃi] “leite”
TOTAL	24 palavras				

Tabela 4 – Ocorrência de ditongos e monotongos com relação às variáveis gênero e faixa etária.
FONTE: Pesquisa de Campo, 2023.

De acordo com os dados da tabela 4, pode-se constatar que a ditongação é mais frequente na fala da maioria dos informantes, pois a mulher da F1 e o homem e a mulher da F2 só fazem uso do ditongo, totalizando 18 ocorrências. Apenas o homem da F1 faz mais uso da monotongação (5 ocorrências). Assim, a ditongação predomina na F2 e entre as mulheres.

Considerações finais

Realizar estudos sobre línguas a partir da perspectiva teóricas da Sociolinguística e da Dialectologia permite que se compreenda o fenômeno linguístico de forma mais abrangente, tendo em vista que essas áreas da Linguística estudam as variedades linguísticas em sua relação

com o contexto social. Com este trabalho, verificou-se que as variações fonético-fonológicas permitem o reconhecimento da identidade cultural de cada povo. Sendo assim, a pesquisa sociolinguística, em Tefé, buscou ampliar o conhecimento das variações linguísticas utilizadas no interior do Amazonas.

Conforme a análise da pesquisa realizada, obteve-se o seguinte panorama fonético-fonológico dos fenômenos estudados na fala tefeense:

- (A) O /S/, em final de sílaba e vocábulo, realiza-se como fricativa alveopalatal surda [ʃ];
- (B) O dígrafo “nh” realiza-se, mais frequentemente, como uma glide palatal vozeada [ɲ], sendo mais frequente na F2 e entre as mulheres;
- (C) Não houve alteamento, em contexto tônico, do segmento vocálico /o/;
- (D) A vogal medial pretônica /e/ realiza-se, mais frequentemente, como [e], seguida pelo uso da variante [i]. O [e] é mais frequente na F1 e pela maioria dos homens e mulheres;
- (E) A vogal medial pretônica /o/ realizam-se, mais frequentemente, como [o], seguida pelo uso da variante [õ]. O [o] é mais frequente na F2 e entre as mulheres;
- (F) Observou-se uma maior tendência à ditongação, sendo mais frequente na F2 e entre as mulheres.

Com a presente pesquisa, foi possível adquirir um resultado significativo com relação às variações linguísticas características no falar de Tefé. Foi possível constatar, também, que o modo de falar sofre influência do gênero e da faixa etária, bem como de outros fatores sociais e culturais.

Referências

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: edições Loyola, 1999.

BRANDÃO, Emerson Lopes. *Aspectos Fonéticos e Fonológico da fala de Parintins: a realização da palatização do /S/ pós-vocálico*. 2023. TCC (Graduação) – Departamento de Letras Língua Portuguesa. Universidade do Estado do Amazonas, Parintins, Amazonas.

BRITO, Roseanny Melo de. *Atlas do Falares do Baixo Amazonas – AFBAM*. 2011. Vol I. Vol. II. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Amazonas.

CABROLIÉ, Augusto de Sousa. *Síntese da História de Tefé*. Imprensa oficial, Tefé, Escritores do Amazonas, 1989.

CALLOU, Dinah, Yonne, Leite. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

CARDOSO, S. A. M. A Geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?. *Revista do GELNE*, [S. 1.], v. 4, n. 2, p. 1–16, 2016.

CRUZ-CARDOSO, Maria Luiza de Carvalho. *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*. 2004. Vol I. Vol. II. T 1. T 2. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras Língua Portuguesa, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *População*. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/tefe/panorama>>. Acesso em: 29jul 2023.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Germano Ferreira. *A alternância tu/você/senhor no município de Tefé - estado do Amazonas*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2 ed. São Paulo, 2013.

MONTEIRO, José, Lemos. Dialeto e Diacronia. *Revista de Letras*, Fortaleza, vol. 14, n. 1/2, 1989.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. *Introdução à Linguística: domínios e fronteira* (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2012.

PONTES FILHO, Raimundo Pereira. *Estudo de História do Amazonas*. Manaus: Editora Valer, 2000.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: Os níveis de fala um estudo Sociolinguístico do dialeto na literatura brasileira*. 9 ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2000.

QUARA, Hariele Regina Guimarães. *As vogais médias pretônicas no falar de Manaus (AM)*. 2012. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Amazonas.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Fonética e fonologia do Português: roteiro de estudo e guia de exercícios*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Publicações do Atlas Etnográfico-Linguístico de Portugal e da Galiza, 1. 2. ed. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1975.

Recebido em: 09/03/2025.

Aceito em: 19/05/2025.